

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Carolina Dias Caiafa

ENTRE O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE: A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA SOCIAL

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Cristina Dias da Silva

Juiz de Fora

2026

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ANA CAROLINA DIAS CAIAFA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202273050A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ENTRE O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE: A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA SOCIAL**, desenvolvido durante o período de 16 de março de 2026 a 30 de junho de 2026 sob a orientação de Cristina Dias da Silva, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

ANA CAROLINA DIAS CAIAFA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

ENTRE O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE: A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA SOCIAL

Ana Carolina Dias Caiafa¹

RESUMO

A Psicologia, amplia sua compreensão dos fenômenos humanos ao reconhecer que a subjetividade não pode ser analisada de forma dissociada dos contextos sociais, culturais e históricos. O presente trabalho tem como objetivo analisar a Psicologia como ciência social, destacando a inter-relação entre indivíduo e sociedade na compreensão dos fenômenos psicológicos. Busca-se, especificamente, relacionar contribuições da Psicologia e das Ciências Sociais e discutir o conceito de self a partir dessas áreas do conhecimento, caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, como referencial central, utiliza-se a obra *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, de Erving Goffman, cuja perspectiva dramatúrgica compreende o self como uma construção social produzida e sustentada nas interações cotidianas. Os resultados apontam que a compreensão da Psicologia como ciência social possibilita superar visões individualistas e reducionistas do sujeito, evidenciando a influência dos contextos sociais na constituição da identidade e da subjetividade, conclui-se então que o diálogo entre Psicologia e Ciências Sociais amplia as possibilidades explicativas e interventivas da área, contribuindo para uma compreensão mais crítica, contextualizada e relacional dos fenômenos psicológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Social. Self. Erving Goffman. Subjetividade. Ciências Sociais.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia, desde sua constituição enquanto campo científico, tem se dedicado à compreensão do comportamento humano e dos processos psíquicos, tradicionalmente enfatizando o indivíduo, ao longo de seu desenvolvimento histórico, tornou-se evidente que tais processos não podem ser compreendidos de forma dissociada do contexto social, cultural, histórico e político em que os sujeitos estão inseridos. Nesse sentido, a Psicologia aproxima-se das Ciências Sociais ao reconhecer que o indivíduo é, simultaneamente, produtor e produto das relações sociais, sendo atravessado por normas, valores, discursos e estruturas que influenciam sua subjetividade.

O surgimento da Psicologia Social, no início do século XX, é um marco histórico que evidencia a interseccionalidade existente entre a Psicologia e as Ciências Sociais. O campo consolidou-se a partir do diálogo com áreas como a Sociologia e a Antropologia, buscando compreender de que maneira o comportamento humano é influenciado pelos contextos sociais, culturais e políticos que o indivíduo está inserido. Nesse sentido, destacam-se contribuições como a obra *Psicologia das Multidões*, que analisa o comportamento coletivo e que teve influência para estudos posteriores sobre massa, escrito por Gustave Le Bon², bem como *A Imaginação Sociológica*, de C. Wright Mills³, que reforçou a compreensão de que experiências individuais estão profundamente articuladas a estruturas sociais mais amplas.

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Cristina Dias da Silva.

² Psicólogo social e pioneiro no estudo do comportamento coletivo.

³ Sociólogo, pesquisador e professor norte-americano.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve um avanço nas investigações sobre comportamento humano em situações de conflito, preconceito e obediência à autoridade, o que intensificou a necessidade de integrar perspectivas psicológicas e sociais. Esse desenvolvimento demonstra que a Psicologia não pode ser compreendida de forma isolada, mas sim em constante interação com as dinâmicas sociais. Ao longo do século XX, a Psicologia ampliou seu campo de atuação e passou a ser compreendida também como uma ciência social, ao reconhecer que os fenômenos psicológicos estão diretamente relacionados aos contextos históricos, sociais e culturais. Assim a subjetividade deixa de ser entendida apenas como algo interno ao indivíduo, passando a ser concebida como resultado das interações sociais.

As Ciências Sociais constituem um campo do conhecimento voltado para o estudo científico das interações humanas e das instituições que organizam a vida em sociedade, tem como objetivo compreender como os indivíduos se relacionam entre si, como se formam os grupos sociais e de que maneira as estruturas políticas, econômicas e culturais influenciam o comportamento humano. No Brasil, as Ciências Sociais abrangem principalmente três áreas: Antropologia, Ciência Política e Sociologia, além de analisar a realidade social, essa ciência busca identificar problemas coletivos e contribuir para a elaboração de soluções que promovam o desenvolvimento social e a melhoria da qualidade de vida da população (Gomes, 2024).

O surgimento das Ciências Sociais está relacionado às profundas transformações ocorridas na Europa entre os séculos XVIII e XIX, nesse período, acontecimentos como o Iluminismo, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial modificaram significativamente a organização da sociedade, mudanças econômicas, políticas e culturais provocaram questionamentos sobre a vida social, levando os estudiosos a buscarem explicações científicas para compreender os novos fenômenos sociais. Por essa razão, no século XIX, as Ciências Sociais chegaram a ser conhecidas como a “ciência da crise”, pois procuravam interpretar os impactos das rápidas transformações vividas pela população, outro fator importante para o desenvolvimento dessa área foi a transição do sistema feudal para a sociedade capitalista (Gomes, 2024).

Com as novas formas de produção, o crescimento das cidades e o aumento das desigualdades sociais exigiram estudos mais aprofundados sobre as relações humanas e a organização social, surgiram pensadores que contribuíram para a consolidação da disciplina, entre eles Auguste Comte e Émile Durkheim que fortaleceu o campo ao propor métodos científicos baseados na observação e na análise objetiva dos fatos sociais, outros autores clássicos, como Karl Marx e Max Weber, também desempenharam papel fundamental na construção das teorias sociais modernas. No Brasil, as Ciências Sociais ganharam maior destaque ao longo do século XX, com a criação de cursos universitários e o fortalecimento das pesquisas acadêmicas. Durante o período da ditadura militar, a área enfrentou limitações e dificuldades, mas voltou a se expandir com a redemocratização do país, atualmente, as Ciências Sociais desempenham um papel essencial na compreensão dos problemas sociais brasileiros, contribuindo para a formulação de políticas públicas, para o combate às desigualdades e para a promoção da cidadania e da justiça social (Gomes, 2024).

Dessa forma, o presente trabalho tem como tema de estudo a Psicologia enquanto ciência social, focalizando a relação dialética entre indivíduo e sociedade. Parte-se do pressuposto de que os fenômenos psicológicos não são exclusivamente internos ou naturais, mas socialmente construídos, o que exige uma

análise que considere os determinantes sociais do comportamento e da subjetividade. Essa perspectiva amplia o campo de atuação e reflexão da Psicologia, contribuindo para uma compreensão mais crítica e contextualizada do sujeito, o estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura, de natureza qualitativa, que busca analisar e sistematizar contribuições teóricas relevantes acerca da Psicologia como ciência social.

Serão abordadas produções de autores que discutem a interface entre Psicologia e Ciências Sociais, bem como diferentes correntes teóricas que enfatizam o papel do contexto social na constituição do sujeito, tendo como objetivo geral a análise da Psicologia como ciência social, destacando a inter-relação entre indivíduo e sociedade na compreensão dos fenômenos psicológicos. Como objetivos específicos, busca-se: relacionar teorias da Psicologia e das Ciências Sociais; discutir sobre o conceito de Self nos dois campos de estudo.

A justificativa do estudo fundamenta-se na relevância científica e social da temática, uma vez que compreender a Psicologia como ciência social possibilita superar visões reducionistas do sujeito, promovendo análises mais críticas sobre questões como desigualdade social, cultura, poder e identidade, além disso, o tema contribui para uma formação acadêmica comprometida com a realidade social. Quanto à metodologia, a pesquisa será desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico em livros, artigos científicos e produções acadêmicas disponíveis em bases de dados reconhecidas, o material selecionado será analisado de forma crítica e interpretativa.

Parte-se da hipótese de que a Psicologia, ao ser compreendida como ciência social, amplia suas possibilidades explicativas e interventivas, permitindo uma análise mais abrangente dos fenômenos psicológicos ao considerar os condicionantes sociais da subjetividade. O trabalho está organizado da seguinte forma: além desta introdução, o desenvolvimento aborda sobre o livro *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* (1959), de Erving Goffman; conceitos que interligam o livro com a Psicologia; a noção de Self e as convergências e divergências do fenômeno entre os campos de estudo; por fim, apresentam-se as considerações finais, nas quais são destacadas as contribuições do estudo e a importância de a Psicologia usar de Goffman em seus estudos.

No ensaio *A Metrópole e a Vida Mental* (1903), de Georg Simmel, o autor analisa como o ritmo acelerado e o excesso de estímulos das grandes cidades moldam a psique humana, levando o indivíduo a desenvolver uma atitude intelectualista, calculista e blasé como forma de proteção diante da sobrecarga sensorial e do anonimato, ainda que isso implique maior impessoalidade nas relações. Nesse contexto, a vida metropolitana estimula a adaptação intelectual em detrimento das reações emocionais, processo que se articula à lógica da economia monetária, baseada em cálculos racionais em vez de vínculos pessoais. Além disso, Simmel concebe a sociedade não como uma unidade fixa delimitada por território, mas como um produto das interações entre indivíduos, que se constitui a partir de relações de interdependência e de trocas sociais recíprocas.

2 DESENVOLVIMENTO

Erving Goffman nasceu em 11 de julho de 1922, na cidade de Mannville, na província de Alberta, no Canadá, ingressou inicialmente na Universidade de Manitoba para cursar Química, entretanto, seu interesse

pelas questões humanas e sociais o levou a mudar de área, direcionando sua formação para as ciências sociais. Em 1945, Goffman concluiu a graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade de Toronto, em seguida, ingressou na Universidade de Chicago, uma das principais referências da sociologia da época, onde obteve o título de mestre em 1949 e o doutorado em 1953. Sua formação acadêmica foi fortemente influenciada pela tradição da Escola de Chicago, que valorizava a observação direta da vida social e o estudo das interações cotidianas (Nunes, 2021).

Entre 1949 e 1951, Goffman realizou um importante trabalho de campo em Baltasound, nas Ilhas Shetland, na Escócia, viveu na comunidade local, desenvolveu pesquisas sobre as interações face a face entre os indivíduos, a experiência serviu de base para sua tese de doutorado e para uma de suas obras mais conhecidas, *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, no trabalho, o autor apresentou a ideia de que a vida social pode ser compreendida como uma espécie de representação teatral, na qual os indivíduos desempenham papéis diante dos outros. Já nos anos de 1954 até 1957, Goffman aprofundou seus estudos sobre instituições e saúde mental ao atuar como pesquisador no National Institute of Mental Health, nesse período realizou observação participante no Hospital St. Elizabeth's, em Washington, investigando o funcionamento de enfermarias psiquiátricas, essas pesquisas contribuíram para o desenvolvimento de reflexões sobre instituições totais, estigma e identidade social (Nunes, 2021).

Sua carreira acadêmica consolidou-se em 1958, quando ingressou na Universidade da Califórnia, Berkeley, tornando-se professor efetivo em 1962, posteriormente, em 1968, assumiu a cátedra Benjamin Franklin de Sociologia e Antropologia na Universidade da Pensilvânia, onde permaneceu até o fim de sua vida, para além de seus estudos sobre interação social, Goffman também se dedicou à pesquisa sobre jogos de azar, passando nove meses em Las Vegas para observar e compreender o funcionamento dos cassinos. O reconhecimento de sua contribuição para a sociologia culminou em sua eleição como 73º presidente da American Sociological Association, em 1981, considerado um dos mais influentes sociólogos do século XX, Goffman deixou um legado fundamental para a compreensão das relações sociais, da construção da identidade e das interações cotidianas. Faleceu em 19 de novembro de 1982, na Filadélfia, vítima de câncer de estômago e devido ao agravamento de sua saúde, não conseguiu apresentar seu discurso presidencial, que foi publicado postumamente sob o título *The Interaction Order*, tornando-se mais uma importante contribuição para a sociologia contemporânea (Nunes, 2021).

O presente trabalho de conclusão de curso tem como material base *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, originalmente publicado em 1959, de Erving Goffman, um clássico da psicologia social, no qual o autor utiliza a linguagem inspirada no teatro e analisa a partir de uma perspectiva dramatúrgica o comportamento humano em sociedade. Goffman compreende a vida social como um palco em que os indivíduos atuam como atores, construindo e apresentando versões de si mesmos diante de um público. Nesse contexto, conceitos que se destacam são a fachada/frontstage, espaço onde a performance segue normas e expectativas sociais, e os bastidores/backstage, onde o indivíduo pode se afastar de seu papel social, a obra também aborda sobre o gerenciamento de impressões, ou seja, as estratégias utilizadas para influenciar a forma como os outros nos percebem, seja consciente ou não, além de distinguir entre representações sinceras e cínicas.

Goffman, descreve o trabalho como um manual que usa de uma perspectiva sociológica, para que assim seja possível estudar a vida social, principalmente aquela que está organizada dentro dos limites físicos de um prédio ou de uma fábrica. O autor considera a forma como o indivíduo se apresenta e suas atividades às outras pessoas, em situações comuns de trabalho, as formas pelas quais o indivíduo controla e orienta a maneira como os outros o percebem, bem como as ações que escolhe realizar ou evitar enquanto desempenha seu papel diante deles. Dessa forma, presume-se que a vida apresenta coisas reais e, às vezes, bem ensaiadas, o papel que o indivíduo desempenha se estrutura de acordo com os papéis exercidos pelos outros (Goffman, 2014).

Goffman afirma que quando uma pessoa chega perto dos outros, esses buscam informações acerca desse indivíduo ou restauram as que já possuem, estando interessados na sua situação socioeconômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade, confiança que merece. Embora algumas dessas informações pareçam ser buscadas como um fim em si mesmas, geralmente existem motivos bastante práticos que justificam sua obtenção, ajudam os demais a definir como devem se posicionar diante dele e o que podem esperar de sua conduta, assim conseguem ajustar seu comportamento para obter a resposta desejada (Goffman, 2014).

Através da cognição social, podemos explicar o porquê do ser humano se comportar dessa forma, atualmente é entendida como uma subárea da Psicologia e é responsável por articular e unificar diversas micro-teorias que se desenvolveram no contexto da Psicologia Social, com o objetivo de explicar os modos pelos quais as pessoas pensam sobre si mesmas e sobre as coisas, formam impressões acerca de outras pessoas ou grupos sociais e explicam comportamentos e eventos. Por meio do modelo de processamento de informação, a cognição social estuda as representações mentais e os mecanismos que se encontram latentes ao processamento da informação social, com foco na forma em que as impressões, crenças e cognições sobre os estímulos sociais são formadas e afetam o comportamento (Ferreira, 2010).

Se for o caso do indivíduo ser alguém desconhecido, seus observadores poderão usar de sua aparência e comportamento como forma de interpretá-lo, utilizando de experiências anteriores com alguém que seja semelhante, ou seja, o observador irá aplicar os estereótipos daquela pessoa para julgá-la previamente. No caso de já conhecer ou já ter informações sobre o indivíduo, os observadores utilizam das experiências anteriores como base, assumindo a estabilidade de seus traços psicológicos para antecipar seu comportamento no presente e no futuro (Goffman, 2014).

Estereotipar é generalizar, e para simplificar o mundo, generalizamos muitas coisas e pessoas de forma frequente, essas podem ser verdadeiras, falsas, mais ou menos verdadeiras e podem ser positivas ou negativas, corretas ou incorretas. Quando usamos de um estereótipo correto isso pode até ser desejável, e é chamado de “sensibilidade à diversidade”, a grande questão está quando os estereótipos são exageradamente generalizados ou simplesmente equivocados. Dessa forma podemos definir estereótipos como: uma crença sobre os atributos pessoais de um grupo de pessoas, são, por vezes, exageradamente generalizados, imprecisos e resistentes a novas informações (Myers, 2014).

Um dos conceitos principais que Goffman aborda é a noção de Self, que está presente em diversas teorias da Psicologia. Para o autor, self pode ser compreendido como um fenômeno fundamentalmente social e processual, construído e sustentado nas interações cotidianas, destacando que fatores como poder e posição social influenciam diretamente os “territórios do self”, isto é, as demarcações físicas, situacionais e simbólicas que os indivíduos mobilizam para preservar a imagem de si. Assim, o self encontra-se intrinsecamente relacionado ao chamado lugar social ocupado pelo indivíduo, de modo que comportamentos considerados desviantes são aqueles que rompem com as expectativas normativas associadas a esse lugar, ao manejar impressões e expressões nas interações, os indivíduos não apenas constroem determinadas imagens de si, mas também se localizam simultaneamente no espaço interacional e na estrutura social (Frehse, 2008).

Ao utilizar de uma perspectiva dramática, na qual a vida social é concebida como uma encenação, o ambiente sai de somente um o pano de fundo e assume o papel de um sistema que organiza e orienta as interações, facilitando ou dificultando a sustentação de um self coerente, a apresentação dele ancora-se tanto na expressividade intencional quanto na não intencional, evidenciando seu caráter essencialmente semiótico. Contudo, essa é uma construção que constantemente está em risco, uma vez que gestos involuntários ou eventos imprevistos podem comprometer a imagem projetada, desse modo se faz necessário a manutenção do controle expressivo, que conseqüentemente se torna um elemento central nas performances sociais, revelando uma tensão entre o self enquanto dimensão humana e o self socializado (Vinuto; Almeida; Teixeira, 2019).

Dessa forma, o self não corresponde a uma essência interna do indivíduo, mas a uma imagem ideal continuamente perseguida e construída no contexto das interações, Goffman, portanto, rompe com concepções essencialistas ao afirmar que o self não é uma entidade orgânica localizada no indivíduo, mas um efeito dramático que emerge das situações sociais. Consiste em uma produção colaborativa, dependente da validação dos outros participantes da interação, que atuam como coautores na definição da situação, sendo o self um produto social não apenas por resultar de performances situadas, mas sobretudo por depender do reconhecimento público para se sustentar (Vinuto; Almeida; Teixeira, 2019).

O Self da Psicologia e o Self do Goffman, se encontram na compreensão mútua de que a identidade não constitui uma essência fixa, mas que é um processo que está constantemente em construção através das interações sociais, no seu livro “A representação do eu na vida cotidiana”, Goffman sustenta que o self emerge como efeito das performances sociais, sendo ajustado de acordo com os contextos e os públicos envolvidos, diferentes vertentes da Psicologia compreendem o self como algo dinâmico, situado e produzido na relação com o outro. Torna-se ainda mais evidente na noção de variação contextual do comportamento, a ideia de frame, desenvolvida por Goffman, evidencia como os indivíduos organizam suas ações e modos de apresentação de acordo com situações específicas, nesse sentido, o self pode ser entendido como múltiplo e sensível aos diferentes contextos da vida cotidiana, o que dialoga diretamente com abordagens da Psicologia que reconhecem a influência do ambiente social na modulação do comportamento.

As divergências entre a conceitualização de Self emergem nas diferentes tradições teóricas que existem na Psicologia, o behaviorismo, por exemplo, entende que o comportamento através da relação entre estímulo e resposta, enfatizando os processos de condicionamento que, em uma determinada medida, se aproxima de uma

lógica de adestramento do sujeito. A Antropologia, principalmente quando rompe com o funcionalismo nas ciências sociais, passa a ter uma crítica a esse tipo de redução, enfatizando o caráter simbólico, cultural e historicamente situado da experiência humana, o self deixa de ser concebido como uma resposta previsível a estímulos e passa a ser entendido como uma construção mediada por significados compartilhados

Dessa forma, se estabelece um campo de interseção entre Antropologia e Psicologia Social, uma vez que ambas passam a questionar explicações universalizantes e naturalizantes do sujeito, ainda que a Antropologia privilegie a diversidade cultural e os sistemas simbólicos, enquanto a Psicologia frequentemente se detenha em processos interacionais em nível mais micro, ambas convergem na compreensão de que o indivíduo é constituído em contextos sociais e culturais específicos. Assim, o self pode ser pensado como um fenômeno simultaneamente psicológico e social, cuja análise exige a articulação entre diferentes níveis e perspectivas.

Por fim, cabe destacar que nem todas as diferenças entre essas abordagens configuram divergências diretas, em diversos casos, trata-se de bifurcações teóricas decorrentes de uma ausência do diálogo entre campos Psicologia e Antropologia, que operam com objetos e problemas diferentes. As ciências sociais, nem sempre irão se propor a responder às mesmas questões que a Psicologia, o que leva a trajetórias analíticas paralelas, dessa forma, algumas tensões que surgem podem ser compreendidas não como oposições irreconciliáveis, mas como modos distintos de abordar o fenômeno do self. Assim, essa leitura permite que haja uma compreensão mais integrada e menos reducionista, coerente com a proposta de pensar a Psicologia como uma ciência social situada entre o indivíduo e a sociedade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no artigo de Felipe Lopes, a importância de estudar Goffman para a Psicologia está no fato de que ele desloca o foco das explicações puramente estruturais para as interações cotidianas e para a forma como as pessoas constroem suas identidades nas relações sociais. Goffman entende que o indivíduo não é apenas um produto passivo da sociedade, mas alguém que participa ativamente da construção dos significados sociais, administrando as impressões que causa nos outros e interpretando continuamente as situações em que está inserido, assim permitindo que a Psicologia consiga compreender melhor os processos de identidade, autoconceito, papéis sociais e interação interpessoal (Lopes, 2009).

Para a Psicologia Cognitivista em especial, utilizar do debate goffmaniano sobre o self é extremamente positivo, pois amplia a compreensão do sujeito para além dos processos mentais internos, enquanto a Psicologia Cognitiva tradicionalmente investiga percepção, memória, crenças e esquemas cognitivos. Goffman mostra que o self também é construído socialmente, nas interações e nas tentativas de apresentar determinada imagem de si aos outros, a identidade deixa de ser vista apenas como uma estrutura mental individual e passa a ser entendida como algo dinâmico, negociado e contextual (Lopes, 2009).

As vantagens desta aproximação entre ambas as possibilidades de estudos são diversas. Permite compreender como as cognições sobre si mesmo são influenciadas pelas relações sociais e pelas expectativas dos outros, ajuda a explicar fenômenos como autoestima, autopercepção, manejo de impressões, pertencimento social e adaptação a diferentes contextos. Além disso, possibilita uma visão mais integrada entre processos

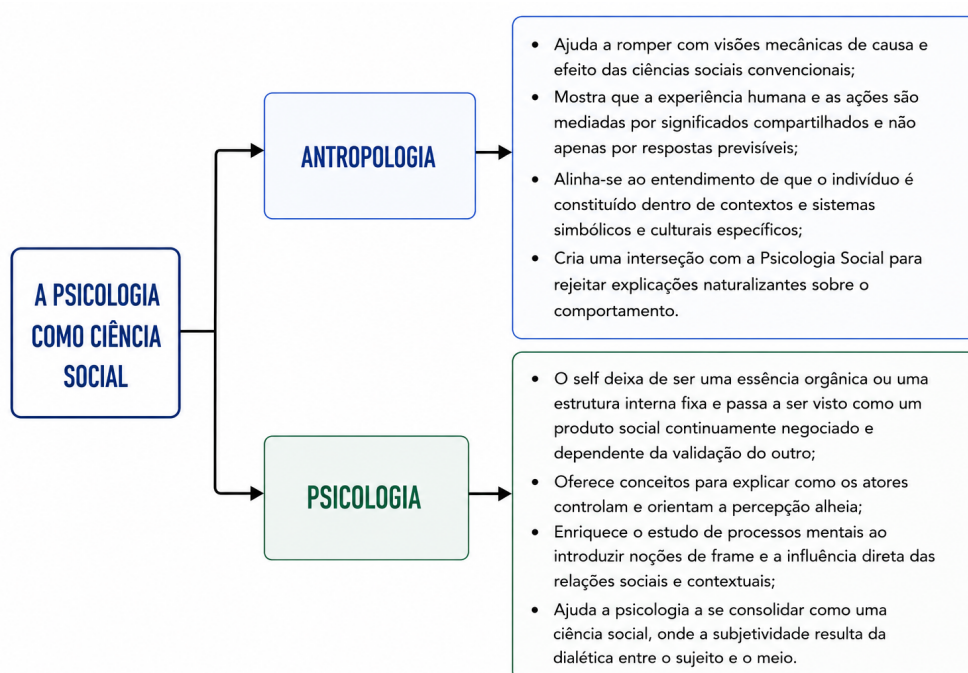
cognitivos e processos sociais, superando explicações excessivamente individualistas do comportamento humano (Lopes, 2009).

Em síntese, estudar Goffman é importante para a Psicologia porque ele oferece instrumentos para compreender como o self é construído, representado e negociado nas interações sociais e para a Psicologia Cognitivista, isso significa enriquecer o estudo dos processos mentais com uma perspectiva social e relacional, produzindo uma compreensão mais ampla e complexa da identidade humana (Lopes, 2009).

Dessa forma, as reflexões apresentadas ao longo deste trabalho apontam para a importância de compreender o sujeito não apenas como um indivíduo isolado, mas como alguém constituído nas relações sociais e nos contextos em que está inserido, nessa perspectiva, torna-se relevante considerar que o próprio psicólogo faz parte da cena que observa e analisa, não ocupando uma posição completamente externa ou neutra diante dos fenômenos estudados. Assim como discutido em diferentes correntes das ciências sociais, toda observação é atravessada pela presença, pela história e pelos referenciais daquele que observa. Essa compreensão amplia a visão tradicional sobre o self, evidenciando que os processos de construção da identidade e da subjetividade não se desenvolvem exclusivamente no âmbito intrapsíquico, mas também nas interações cotidianas, nos papéis sociais e nos significados compartilhados coletivamente.

Nesse sentido, o diálogo entre a Psicologia e perspectivas como a de Goffman contribui para uma compreensão mais complexa do ser humano, ao reconhecer que a constituição do sujeito ocorre em um processo dinâmico, relacional e contextual. Portanto, incorporar tais reflexões possibilita à Psicologia ampliar seus instrumentos teóricos e metodológicos, favorecendo uma prática mais crítica e sensível às múltiplas dimensões que participam da construção da experiência humana, reconhecer que o pesquisador e o profissional também integram a realidade que investigam representa um importante avanço para a produção de conhecimento e para a atuação ética e reflexiva da Psicologia.

Figura 1 – Quadro Sinóptico: Contribuições de Goffman



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

REFERÊNCIAS

BON, Gustave Le. **Psicologia das multidões**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2019.

FERREIRA, Maria Cristina. A Psicologia Social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 26, n. , p. 51-64, 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722010000500005>.

FREHSE, Fraya. Erving Goffman, sociólogo do espaço. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 23, n. 68, p. 155-166, out. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69092008000300014>.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

GOMES, Flávio. Ciências sociais: evolução, atuação, importância e perspectivas contemporâneas para a sociedade. **Revista Qualyacademics**, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 160-172, 2024. Disponível em: https://www.editorauniv.com.br/post/ciencias-sociais-evolucao-atuacao-importancia-e-perspectivas-contemporaneas-para-a-sociedade?srsltid=AfmBOororyY_y_9ZxKN2wYJG10CL0gQwsNFbejUTmXU_TK2aB2pUQee. Acesso em: 01 jun. 2026.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Bourdieu e Goffman: um ensaio sobre os pontos comuns e as fissuras que unem e separam ambos os autores a partir da perspectiva do primeiro. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 389-407, maio 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844629009.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2026.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MYERS, David G.. **Psicologia Social**. Porto Alegre: Amgh, 2014.

NUNES, Everardo Duarte. The Presentation of Self in Everyday Life: biografia de um livro. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 761-774, set. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/gF3zcnvNLjv3NRmFKMwddgL/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2026.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 11-25.

VINUTO, Juliana; ALMEIDA, Bruna Gisi; TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. Apresentação ao dossiê '60 Anos do Livro The Presentation of Self in Everyday Life, de Erving Goffman'. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 465-473, set. 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=563860652010>. Acesso em: 22 abr. 2026.